

Andrea Schellino

**A “lenda” do Vidraceiro**

## Resumo

O presente artigo estuda alguns aspectos da « lenda » de Baudelaire, nascida da vida do poeta. Também leva em consideração dois outros conceitos que se associam: a « mistificação » e o « mal-entendido ». Um caso emblemático é a recepção de um poema em prosa de *Spleen de Paris, O Mau Vidraceiro*: às vezes, a crueldade do narrador foi atribuída à Baudelaire.

**Palavras-chave:** Baudelaire; *O Mau Vidraceiro*; Lenda; Recepção

## Résumé

Le présent article étudie quelques aspects de la « légende » de Baudelaire, née du vivant du poète. Il prend également en considération deux autres concepts qui s’y associent : la « mystification » et le « malentendu ». Un cas emblématique est celui de la réception d’un poème en prose du *Spleen de Paris, Le Mauvais Vitrier* : la cruauté du narrateur fut parfois attribuée à Baudelaire.

**Mots-clés :** Baudelaire ; *Le Mauvais Vitrier* ; Légende ; Réception

Do mesmo modo que sua « *escola* <sup>1</sup> », a lenda de Baudelaire nasceu durante sua vida. O poeta observou com atenção os pródromos de sua « fortuna ». Durante sua candidatura à Academia francesa, em janeiro de 1862, quando Sainte-Beuve o descreveu como um « candidato polido, respeitoso, exemplar », « um bom menino, fino de linguagem e muito clássico nas formas » (*apud* GUYAUX, 2007, 348) apreciava este retrato inesperado a tal ponto que, em 24 de janeiro, se abre ao « tio Beuve » nestes termos:

Eu estava muito ferido (mas eu não disse nada) por vários anos, para me compreender como lobisomem, de um homem impossível e desagradável. Uma vez, em um jornal maldoso, eu li algumas linhas sobre minha repulsiva feiura, bem-feita para evitar qualquer simpatia (era difícil para um homem que tanto amava o perfume de mulher). Um dia uma mulher me disse: « É peculiar, você é muito adequado; eu pensei que você ainda estivesse bêbado e você se sentiu mal. » Ela falava a respeito da lenda<sup>2</sup>. (BAUDELAIRE, 1973, p. 219).

O significado atual da palavra *lenda*, como « distorção dos fatos verdadeiros e reais », é recente a época: segundo Alain Rey, fez sua primeira aparição em 1853, em *Histoire de la Révolution française* de Michelet<sup>3</sup>. Com Baudelaire, este significado entra na literatura. No dia 2 de setembro de 1867, Charles Asselineau, em seu elogio fúnebre, denuncia através da evocação da « lenda », a confusão entre ficção e o real, farsa e sinceridade: « Falamos demais sobre a « lenda » de Charles Baudelaire, sem ter em conta que esta lenda foi apenas o reflexo de seu desprezo pela estupidez e pela mediocridade orgulhosa » (*apud* GUYAUX, 2007, 425). E Théodore de Banville, em outubro de 1883, reagiu a imagem propagada por Bourget de um Baudelaire « fraudador », se dissolvendo por detrás de todos os artifícios de seu gênio<sup>4</sup>: « Ele não tinha nenhuma razão », afirma Banville, « para ser um fraudador na vida, e foi um artista muito bom, ele respeitou muito a língua e o pensamento para se tornar fraudador de sua obra » (*apud* GUYAUX, 2007, p.617).

Certamente, Baudelaire às vezes insinuou que ele não era insensível à honra literária e social, e que, apesar de suas transgressões, ele queria « se tornar grande » e não deixar a simples « reputação de um homem singular » (BAUDELAIRE, 1973, p. 175), como ele o escreveu

---

\* **Andrea Schellino** – Docteur par l'Université Paris-Sorbonne

<sup>1</sup> Baudelaire à M<sup>me</sup> Aupick, 5 mars 1866 ; *Correspondance*, texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler, Paris, Gallimard, coll. « Bibliothèque de la Pléiade », 1973, t. II, p. 625.

<sup>2</sup> Charles Baudelaire, *Correspondance*, éd. cit., t. II, p. 219.

<sup>3</sup> *Dictionnaire historique de la langue française*, sous la direction d'Alain Rey, Le Robert, 2012, t. II, p. 1880.

<sup>4</sup> Voir Paul Bourget, « Psychologie contemporaine. Notes et portraits. Charles Baudelaire », *La Nouvelle Revue*, 15 novembre 1881 ; recueilli, en octobre 1883, dans les *Essais de psychologie contemporaine*, Alphonse Lemerre ; rééd. : édition établie et préfacée par André Guyaux, Gallimard, coll. Tel, 1993, p. 3-18.

à sua mãe no dia 21 de junho de 1861<sup>5</sup>. Ainda na mistificação, para citar uma declaração de André Guyaux<sup>6</sup>, se associou à lenda. Aquela alimenta esta, fornecendo um material inesgotável para a pequena imprensa e para o meio leve dos cafés e dos botequins, apreciador de anedotas. Multiplicando as fabulações, e apesar de seus protestos, Baudelaire parece ter desejado manobrar este «fenômeno nas fronteiras da vida e da obra» (GUYAUX, 2007, p. 54). Ela é uma arma ulterior para afirmar sua solidão escolhida – sua «singularidade» no seio de uma humanidade acusada de engano. Instalado em Bruxelas, ele se diverte e se surpreende com a credulidade dos belgas, se fazendo passar por sua vez de «*agente de polícia*», «*pederasta*», corretor de «*obras infames*» e parricida. Disse a senhora Paul Meurice, no dia 3 de janeiro de 1865, «*exasperado de ser sempre cru*» e quer nadar «*na desgraça como um peixe na água*». (BAUDELAIRE, 1973, p. 437).

De uma certa maneira, Baudelaire contou também com mal-entendidos para se fazer entender. Em *Meu coração a nu*, ele propõe como princípio hermenêutico:

O mundo só caminha através do mal-entendido.  
– É através do mal-entendido universal que toda a gente se põe de acordo.  
– Porque se, por infelicidade, as pessoas se compreendessem, nunca poderiam pôr-se de acordo. (BAUDELAIRE, 2016. pp. 116-117)

Em várias ocasiões, ele considera a condenação das *Flores do Mal*, em 1857, como o fruto de um «mal-entendido muito estranho» (BAUDELAIRE, 1976, p. 184). Se o mal-entendido tem um alcance tão universal, também conatural às relações humanas, porque então quer dissipá-lo completamente? A lenda, de certa forma, ultrapassa o mal-entendido; ela o sistematiza.

Nesta enciclopédia da lenda de Baudelaire, que Claude Pichois, William T. Bandy e André Guyaux estudaram<sup>7</sup>, um capítulo se abre sobre o tema da crueldade. Poeta do vício, do pecado e do mal, Baudelaire se interessou pelas gazetas e as críticas superficiais que imaginaram que ele próprio era sádico. Se ele nutre sua obra de análises da perversidade natural do homem, alguns de seus contemporâneos queriam lhe atribuir esta mesma perversidade. Esta presunção, muitas vezes ao serviço de um viés antibaudelariano, floresceu.

<sup>5</sup>Voir l'introduction de Claude Pichois, «Biographie ou légende?», dans *Baudelaire devant ses contemporains* [1957], témoignages rassemblés et présentés par W. T. Bandy et Claude Pichois, Union générale d'édition, 1967, p. 7-20.

<sup>6</sup>Voir André Guyaux, *Baudelaire. Un demi-siècle de lectures des Fleurs du Mal (1855-1905)*, op. cit., p. 54 sqq.

<sup>7</sup>Voir le livre précurseur de William T. Bandy, *Baudelaire Judged by His Contemporaries (1845-1867)*, New York, Columbia University, 1933, ainsi que la version française de ce même livre, publiée avec Claude Pichois: *Baudelaire devant ses contemporains*, op. cit. Voir aussi Alfred E. Carter, *Baudelaire et la critique française 1868-1917*, Columbia, University of South Carolina Press, 1963, et André Guyaux, *Baudelaire. Un demi-siècle de lectures des Fleurs du Mal (1855-1905)*, op. cit.

Um caso emblemático é o do *Mau Vidraceiro*. O poema apareceu uma única vez em vida de Baudelaire, em *La Presse*, no dia 26 de agosto de 1862, antes de ser coletado em volume após a morte do poeta, em junho de 1869, no tomo IV des *Œuvres complètes*. Este texto alimentou consideravelmente a lenda da crueldade de Baudelaire. Em *O Mau Vidraceiro*, sugere ele próprio que a fonte da «mistificação» reside em uma força «misteriosa e incomum», que não pode ser explicado sem postular um impulso satânico:

Peço-vos observar que o espírito de mistificação que, em certas pessoas, não é o resultado de um trabalho ou de uma combinação, mas de uma inspiração fortuita, participa muito, embora só pelo ardor do desejo, desse humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo aqueles que pensam um pouco melhor que os médicos, que nos leva a praticar sem resistência uma por ação de atos perigosos ou inconvenientes. (BAUDELAIRE, 1976, p.286)

Fazendo com que a economia das implicações morais, estéticas e especulativas do poema em prosa, os cronistas tomaram posse da história do vidraceiro maltratado, visto como uma ilustração do sadismo e da excentricidade de Baudelaire.

Victor Noir, pseudônimo de Yan Salmon, assinou no *Journal de Paris*, três dias após a morte de Baudelaire, uma visão geral biográfica construída quase que inteiramente sobre elementos lendários. Antes de morrer como um mártir da República, em 1870 na idade de vinte e um anos pelo príncipe Pierre Napoleão Bonaparte, Victor Noir se especializou no jornalismo satírico de oposição ao Império, colaborando com *Pilori* e *La Marseillaise*. Apesar de seus «acessos de crueldade», Baudelaire não era, segundo ele, de uma «natureza ruim», mas um ser amargurado e nervoso. Aqui está a versão do episódio do vitrinista que Victor Noir dá:

Um dia, – quando morava em um sótão no sexto andar no *quartier latin*, – ensaboou os degraus da escada que conduzia ao seu pardiheiro e chamou um vidraceiro, que subia levando em suas costas sua frágil mercadoria.  
– «Amigo, disse-lhe Baudelaire, se eu quebrasse este azulejo, quanto você me pagaria?» E ele tinha projetado sua claraboia E designou sua lucarna. O vidraceiro se chateou, Baudelaire o pôs à porta; descendo o mais rápido a escada de seu fraudador, ele caiu sobre o azulejo.  
Baudelaire se diverte por oito dias. Cruel nos seus atos, ele era feroz em suas palavras. (Victor Noir *apud* PICHOLS, 1967, 262-263)

A narrativa de Victor Noir se espalhou até Lyon. Jules-Philibert-Napoléon Clerc, também conhecido como Jules Frantz, redator do *Vengeur* e de *L'Avant-Garde*, consagrou uma parte de sua crítica no *Réveil*. Em 8 de setembro de 1867, escreveu para o *Journal Paris-Lyon* uma anedota do vidraceiro, adicionando detalhes realistas:

Baudelaire morreu.  
Rapidamente também uma anedota sobre Baudelaire.

Era 1847. Ele tinha então 23 anos, e já experimentava este acre regozijo, esta volúpia do sofrimento que ele cantaria mais tarde em suas *Flores do Mal*. Como todos os boêmios desta época, ele se preocupou muito com sua moradia.

Este velho casebre estava situado sobre os telhados de uma casa de cinco andares do *quartier latin*.

Baudelaire nunca poderia manter um amigo, eram apenas os seus fornecedores que ousavam empreender a viagem perigosa desta ruína.

Para conseguir isso, após ter feito a subida dos cinco andares, precisava ainda subir uma espécie de escada de moleiro de onde o menor passo em falso, a menor imprudência poderia precipitar sobre a calçada. Também nosso homem, tomando este local, sabia bem o que fazia, e recebia poucas pessoas, isto é, muito poucos credores.

Um dia, ele estava em sua janela, fumando tranquilamente seu cachimbo e examinado os transeuntes, a avista um vidraceiro que levava dolorosamente em seu cesto dorsal um pesado carregamento de mercadorias. Nosso jornalista estava provavelmente de bom humor, pois uma ideia que ele encontrou brilhante atravessou seus miolos. Imediatamente, se pendurou e se pôs a chamar o vidraceiro com toda a força de seus largos pulmões.

Após alguma hesitação, enfim o homem decidiu subir. Chegando no quinto andar, encontra Baudelaire que, de sua parte, o convidava a usar a escada.

O vidraceiro o advertia, com razão, que ele poderia perfeitamente, deixar sua mercadoria sobre o patamar, que ele pegaria à medida que precisasse.

Baudelaire se fazia de desentendido. Então o pobre diabo pegava novamente sua dolorosa subida, e depois de mil esforços, chegava à porta do jornalista. Mas ele a encontrava fechada, batia e rebatia, inutilmente. Do interior, Baudelaire, ria como um bem-aventurado, gritando:

– Pensei bem, já é noite, será perigoso colocar os azulejos, passe aqui novamente amanhã... *na mesma hora*.

Que fazer?

O pobre homem enxuga sua testa, esconde a vergonha, e toma novamente o caminho pelo qual ele veio.

Somente, para coroar a ... brincadeira, a infelicidade, por causa de seu carregamento, foi forçada a descer caminhando para trás, suando sangue e água e se arriscando em quebrar em mil pedaços o azulejo.

Para o encorajar, Baudelaire grita do alto de sua casa:

– Ei! Homem, mais rápido que isto, você está obstruindo a escada (FRANTZ, 1867, p.4).

Algumas vezes foram ouvidas em protesto contra esta difamação à Baudelaire. Francis Magnard, assistente editorial de Villemessant para *Figaro*, respondeu em 5 de setembro de 1867 Victor Noir, o acusando de descrever um Baudelaire «com bastante fantasia» e de acumular um certo número de anedotas «improváveis»:

Sem ter muito conhecido Baudelaire, eu creio que posso protestar contra esta horrível história do vidraceiro, repetida muitas vezes, que o tornou um poeta odioso, e que tinha certamente inventado um dia de alegria lúgubre. Charles Asselineau, falando sobre a tumba de Baudelaire, antecipadamente, com muita dignidade, protestou contra esta tendência de tornar o autor das *Flores do Mal*, um verdadeiro fora da lei comum. (MAGNARD, 1987, p.2)

Mais tarde, em janeiro de 1869, em sua coleção de lembranças, *Charles Baudelaire, sa vie et son œuvre*, Asselineau tomou o exemplo do vidraceiro para mostrar que a confusão entre o homem e a obra passou por um e pelo outro:

O que ele tinha de mais profundo, era que o «mal-entendido» que lhe haviam atribuído por um grande número de pessoas, os vícios e os crimes que lhe haviam imputados ou analisados. Valia tanto a pena o acusar de regicídio um pintor que teria representado a morte de César. Não compreendi eu mesmo, um bravo homem levar seriamente a conta dos méritos de Baudelaire o fato de ter maltratado um pobre vidraceiro que não tinham os vidros coloridos para lhe vender? O ingênuo leitor de jornais tomou como verdadeira a fábula do Vidraceiro em *Poemas em Prosa!* Quantos outros também acusaram o autor das *Flores do Mal* de crueldade, blasfêmia, depravação e hipocrisia religiosa! Estas acusações, que o divertiam quando elas eram lançadas diretamente na discussão por um adversário irritado e engana com seus artifícios de retórica, tinham acabado de o cansar quando viu compor uma lenda de abominação. (ASSELINEAU, 1869, p. 75-76)

A lenda segue seu curso. Ela contribui, em uma certa medida, para a assimilação da singularidade da obra de Baudelaire. Ela é o contraponto, às vezes favorável, às vezes difamatório. No momento da publicação de *Pequenos Poemas em Prosa [O Spleen de Paris]* no tomo IV de *Œuvres complètes*, de junho de 1869, David du Closel invocara o temperamento «histérico» de seu autor. Segundo ele, o autor é um «homem doente», um escritor cuja a imaginação se desloca para o sonho depois de uma consumação imoderada de haxixe. Em *A Corda* e *O Mau Vidraceiro*, Baudelaire se abandona na «alegria de um tigre lambendo sangue»:

Sua crueldade em relação ao vidraceiro cujo o grito o irritava respira a ferocidade. Ele chama esse vidraceiro, cujo o grito sobe até seu casebre. Ele lhe pergunta se estes vidros coloridos fazem ver se a vida é bela. O infeliz diz que não. Ele o empurra para a escada, esperando que a besta negra, o vidraceiro, quebre, ele e sua mercadoria. E quando o infeliz passa a porta de sua casa, ele joga do alto de seu quinto andar um vaso de flores, esperando talvez o matar. O poeta tem suas cóleras mortíferas que agarram as pessoas mais doces e levam para o crime o homem que não tem o hábito de tocar mesmo em uma mosca. (CLOSEL, 1869, p.2)

Cesare Lombroso, em 1888, altera a anedota para melhor sublinhar o desarranjo existencial do poeta: «Antes de cair em demência, ele se deixou levar a atos impulsivos, lançava, por exemplo, de sua casa, vasos contra as vitrines das lojas, unicamente afim de ouvi-los quebrarem.» (LOMBROSO, 1889, p.93)

Contudo, uma leitura menos literária de poemas em prosa de Baudelaire fez seu caminho nestes mesmos anos. Étienne Charavay, que estudou em 1879 a candidatura do poeta a Academia Francesa, ironiza sobre aqueles que dizem, «sobre a fé de um pequeno

poema em prosa bastante alegórica, que Baudelaire fazia subir os vidraceiros em seu quarto, para ter em seguida o prazer de os capotar de cima para baixo com sua frágil mercadoria». (CHARAVAY, 1879, p.80). Mas um mal-estar diante da obra de Baudelaire persiste, como o testemunho da vontade de Pierre Larousse e de Jules Levallois, respectivamente em 1874 e em 1895, de estigmatizar, através d'*O Mau Vidraceiro*, uma mistificação que eles jugam ao mesmo tempo pueril e excessiva:

Algumas peças, como *O Mau Vidraceiro* ou *A Falsa Moeda*, faziam crer, se levarmos à sério, a uma perversidade profunda; mas o que ele diz que realizou esses tipos de crimes com alegria, não é sem dúvidas, arrogância. (LAROUSSE, 1874, p. 1228)

Se teve uma lenda de Baudelaire, e em suma uma lenda pouco favorável, ninguém mais que ele, bem sabe, de tendência e por um tolo amor próprio, contribuiu para a criar. [...] A famosa frase: « Eu que sou filho de um padre », a alegria que ele deveria experimentar comendo nozes imaginando que estava triturando cérebros de crianças, a história do vitrinista que, sob um pesado carga de telhas, em um esmagador dia de verão, ele fazia subir até o sexto andar para lhe dizer que ele não precisava dele, tanto de insanidades e provavelmente de mentiras que ele se excitava se divertindo, crendo que crescia aos olhos dos profanos. (LEVALLOIS, 1895, p. 94-95)

Veicula, apesar, de uma « fortuna » crescente, a « lenda » contribui ao advento de um reconhecimento literário que Baudelaire tinha desejado e procurado – mesmo que pela mais singular das maneiras.

56

Tradução  
Nayara Dias  
Tradutora pela Universidade de Brasília





## REFERÊNCIAS

- ASSELINÉAU, Charles. **Charles Baudelaire, sa vie, son œuvre**, Alphonse Lemerre, 1869.
- BAUDELAIRE, Charles. **Correspondance**, texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler, Paris, Gallimard, coll. « Bibliothèque de la Pléiade », 1973, t. II.
- \_\_\_\_\_, **Fusées. Mon cœur mis à nu [...]**, édition d'André Guyaux, Paris, Gallimard, coll. « Folio classique », 2016.
- \_\_\_\_\_, **Œuvres complètes**, texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois, Paris, Gallimard, coll. « Bibliothèque de la Pléiade », t. II, 1976.
- CHARAVAY, Étienne. **A. de Vigny et Charles Baudelaire candidats à l'Académie française**, Charavay frères, 1879, p. 80.
- DU CLOSEL, David. « Revue de quinzaine », **Le Constitutionnel**, 20 juin 1869, p. [1-2], ici p. [2].
- FRANTZ, Jules. « En l'air. Petite chronique », **Le Réveil. Journal Paris-Lyon**, 8 septembre 1867.
- GUYAUX, André. **Baudelaire. Un demi-siècle de lectures des Fleurs du Mal (1855-1905)**, Presses de l'Université Paris-Sorbonne, coll. Mémoire de la critique, 2007.
- LAROUSSE, Pierre. Entrée « *Petits poèmes en prose* », dans le **Grand dictionnaire universel du XIX<sup>e</sup> siècle**, Administration du grand dictionnaire universel, t. XII, 1874.
- LEVALLOIS, Jules. **Mémoires d'un critique**, À la librairie illustrée, 1895.
- LOMBROSO, Cesare Lombroso, **L'Homme de génie** [1888], traduit de la VI<sup>e</sup> édition italienne par Fr. Colonna d'Istria, Félix Alcan, 1889.
- MAGNARD, Francis. « Paris au jour le jour », **Le Figaro**, 5 septembre 1867.
- PICHOIS, Claude. « Biographie ou légende ? », dans **Baudelaire devant ses contemporains** [1957], témoignages rassemblés et présentées par W. T. Bandy et Claude Pichois, Union générale d'édition, 1967, p. 7-20.